

# A CORRUPÇÃO VISTA DO ALTO DA MONTANHA

Por Pádua Ramos\*

Aqueles que nos anos 50 do século passado acompanhavam os acontecimentos políticos recordam-se de que a eloquência devastadora do jornalista Carlos Lacerda liderou a demolição do Governo Vargas agitando a bandeira da anticorrupção. Então se acreditava, e hoje se volta a acreditar, que a corrupção se constituía e se constitui no maior problema do País. Em seguida, no seguimento da história, o verbo daquele jornalista voltou-se contra os governos de Juscelino e Jango, sempre sustentando a mesma bandeira.

Embora ninguém, em sã consciência, deixe de sentir indignação diante da apropriação privada do dinheiro público, hoje se sabe, para lá de uma visão expressionista e impressionada, que o maior problema não é o da corrupção; mas é sim o de todo um temário de questões sociais entrelaçadas, que passa pela cultura patrimonialista, pela pobreza extrema, pelo analfabetismo, pela insalubridade, pelo sofrimento das famílias menos favorecidas - tudo se resumindo no apartheid inconfesso que divide este país em classes e em regiões.

Não se diga que os paulistas sejam preconceituosos contra os nordestinos, mas se diga sim que alguns deles – justamente destacados líderes – o são: é o caso de FHC, em cujo governo se extinguiu a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e foram concebidos os eixos nacionais de desenvolvimento, segundo concepção avassaladora do conceito regionalista de Nordeste, que achara insuficiente transformar a Sudene, que ele tratava como qualquer coisa, numa coisa qualquer: a Agência do Desenvolvimento do Nordeste (Adene); e o caso de José Serra, de quem li alentada tese oposta à criação das zonas de processamento de exportações (ZPEs): espaços econômicos beneficiadores de produtos exportáveis, consoante uma das vocações de nossa economia regional. As ZPEs só vieram a vingar porque nossa tese, de resto favorável ao desenvolvimento do País como um todo, contou com a adesão proativa de Delfim Netto, autor de emendas inteligentes ao projeto.

A ação destruidora da Sudene contou com a colaboração não intencional mas efetiva e paradoxal de um nordestino, deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT); na época, oposição. Trata-se do hoje senador Pimentel. Ele percutiu denúncia de corrupção na Sudene, que a havia sim, mas -

embora obviamente merecedora de repúdio - era estatisticamente residual; no fundo, a velha corrupção como capítulo de nossa cultura. Diante dessa degradação na administração de recursos públicos, a oposição (que tinha escandalosamente, conforme se viu depois, telhado de vidro) passou a atacar o Banco e o Governo. No fundo (os tempos revelariam depois), tratava-se de briga entre iguais.

O temário das questões sociais registra deficits, notadamente no tocante à educação, os quais remontam ao fundo dos tempos e dão como resultante algo como uma “subcidadania”, entendida como tal o não exercício, pelo cidadão, de sua prerrogativa de vigiar o desempenho dos homens públicos, assim criando o ambiente propício à corrupção, como subproduto de peso, mas subproduto.

A cultura de Carlos Lacerda foi durante certo tempo subordinada aos princípios marxistas, absolutamente; não incorporava as luzes do marxismo, que existem, às outras luzes, para a obtenção de uma visão totalizante e não parcial da história; nem era, pois, mesmo assim, para sua atuação circunscrever-se a um aspecto, repita-se, grave do desenrolar da vida pública, de todo modo relativo. Admite-se que tenha sido sua aproximação com o pensador católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) e por seu intermédio com os monges do Mosteiro de São Bento a circunstância que o tenha feito acrescentar o espiritualismo ao seu anterior entendimento limitado da existência, que o tenha feito elevar sua compreensão sociológica da vida dos povos. Daí vieram certamente desdobramentos de sua maneira de pensar, como a descoberta do arbitrio da pessoa humana como mais um fator que com outros se conjuga para a construção dos fatos. A consciência de que o homem comanda até certo ponto a faculdade de decidir e de agir teria aguçado em Carlos Lacerda a consciência de suas responsabilidades pessoais perante aquela quadra da história. No novo panorama social visionado por Carlos Lacerda, a corrupção ainda ocuparia espaço como detestável antivalor, mas não como dado avassalador dos demais segmentos da problemática social.

Este novo Carlos Lacerda realizou, implicitamente, algo como um mea culpa, ao atravessar o Atlântico para, com humildade, dialogar

com aquele mesmo Juscelino que tanto combatera, implacavelmente, como era de seu modo de ser, e tentar formar a Frente Ampla, esta sim voltada para o valor supremo da democracia. Pagou preço decisivo por isso.

Seguiu-se, àquela, sua visita a Jango, no Uruguai, com o sentido ainda mais profundo de mea culpa, pois não só a este combatera como igualmente combatera a Getúlio, ferozmente: a Getúlio, o patrono político de Jango.

O processo civilizatório é lento. Por não se darem conta disso, numerosos brasileiros depreciam nosso país, comparativamente aos chamados países do Primeiro Mundo; não percebem que, por exemplo, as nações europeias, ao percorrerem o roteiro que as levariam enfim ao atual patamar de civilidade, percorreram-no atravessando tragicamente guerras externas e guerras intestinas; lembrando que uma delas se denominou Guerra dos Cem Anos; lembrando o derramamento de sangue da Revolução Francesa; lembrando que do lado de cá do Atlântico os Estados Unidos vivenciaram a sangrenta Guerra de Secessão, a qual se prolongou por cerca de quatro anos.

Os conflitos bélicos, como se sabe, geram estados de necessidade - falta de energia, de água, de alimento, de remédio e assim por diante - levando ricos e pobres, compulsoriamente às vezes e pedagogicamente sempre, a se ajudarem em duas mãos, em conformidade com essa democracia do sofrimento compartilhado e, assim, quiçá amenizado, inculcando em todos o senso da solidariedade, da disciplina, da coexistência equilibrada de deveres e de direitos, tudo valendo como elevado preço para alcançar o patamar da civilização. Na atmosfera moral que aí se implanta não viceja a trapaça de uns contra outros, não floresce a deslealdade contra indivíduos e contra a sociedade, a corrupção não frutifica.

As exceções ficam por conta daqueles regimes autoritários estabelecidos a ferro e fogo, porque neles se aplica o conhecido princípio de que “o poder absoluto corrompe absolutamente” (Lord Acton).

Proclama-se a toda hora que somos o país da impunidade. Como assim? Que dizer daquelas cenas nas quais apareceram Jáder Barbalho algemado, Paulo Maluf preso e a cúpula do PT na cadeia, para só citar estes exemplos entre tantos outros?

O velho Carlos Lacerda esbravejava no interior

da moldura da União Democrática Nacional (UDN) - partido com vocação para o golpe, porque era uma corrente política sem povo. O povo nunca concedeu à UDN a oportunidade de assumir o poder. Carlos Lacerda, como se viu, mudou, sim. A UDN - velha, fascista, elitista, neoliberal, morta, mas insepulta - não; cabendo, porém, a ressalva honesta de que ali militaram também grandes homens, como Afonso Arinos, Prado Kelly e o brigadeiro Eduardo Gomes. Este último era dotado de profunda espiritualidade e se atribui a ele, no fim da vida, desgostoso por saber que se praticava tortura nos porões da Aeronáutica, o desabafo de que não criara a Força Aérea para abrigar torturadores.

O Brasil, pátria jovem, está parindo uma nova civilização tipicamente nacional brasileira, progressivamente, sem dar saltos, como a natureza. Trata-se de parto com dor, certamente; todavia, como opção alternativa aos banhos de sangue constitutivos do preço pago pelas nações ditas civilizadas quando da conquista dramática da bonança dos dias de hoje.

A paz esteja conosco!

*\* Dentre outras atividades, o professor Pádua Ramos foi secretário de Planejamento dos Estados do Piauí e do Ceará, foi superintendente-adjunto para a área de incentivos fiscais da Sudene, professor titular da cadeira de Planejamento da Universidade Estadual do Ceará-UECE e Pró-Reitor de Planejamento da UECE. É autor dos livros: *Em busca do Ângulo Alfa*, sobre planejamento social e planejamento estratégico aplicado à área pública e *Manual Social e Econômico do Município*.*